

Choque na economia pode vir até fim do ano

■ Prefixação de preços e salários e dolarização parcial poderão estar entre as medidas que virão após o ajuste nas contas públicas.

ELI TEIXEIRA

BRASÍLIA — O choque que a equipe do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, prepara para derrubar a inflação — uma segunda etapa de seu plano econômico — será feito antes do final do ano. O anúncio das medidas ocorrerá assim que ficar claro que o governo conseguiu equilibrar as finanças públicas, com cortes de gastos, controle severo das empresas estatais e renegociação das dívidas estaduais. Assessores do ministro gostariam de atacar a inflação antes de outubro, quando o Congresso começa a fazer a revisão da Constituição.

Nos últimos 15 dias, os principais assessores do ministro vêm mantendo reuniões de até oito horas seguidas, em duas salas do quarto e quinto andares do Ministério da Fazenda, onde só algumas

secretárias podem entrar. Participam das discussões os economistas Edmar Bacha, assessor especial de Fernando Henrique; Winston Fritsch, secretário de Política Econômica; Clóvis Carvalho, secretário-executivo; e Gustavo Franco, adjunto de Fritsch. O presidente do Banco Central, Paulo César Ximenes, tem sido convidado para as discussões que envolvem o sistema financeiro.

A única certeza da equipe neste momento é que adotará o choque contra a inflação nos próximos meses, mas nada será feito antes do equilíbrio das contas públicas, conforme as poucas informações que têm chegado ao Congresso Nacional e a outros ministros. O presidente Itamar Franco espera o plano de ataque à inflação, caminho para “desarmar os espíritos”, prevê um graduado assessor do governo. Uma prefixação de preços e sala-

rios faz parte das discussões, assim como mexidas na área cambial. Apesar dos desmentidos, uma dolarização parcial não é totalmente descartada na área econômica. Toda vez que é questionado sobre essa segunda parte de seu programa econômico, Fernando Henrique Cardoso desconversa. “Cada coisa tem seu tempo. O governo não irá a lugar algum se antes não resolver o problema do déficit público.”

Fernando Henrique e sua equipe estão convictos de que os cinco choques econômicos adotados pelo governo desde 1986 não deram certo porque as finanças públicas estavam totalmente desequilibradas. Por isso, agora querem inverter e, primeiro, pretendem arrumar a casa. Enquanto se tenta acertar as finanças da União, o Ministério da Fazenda executará uma política feijão-com-arroz, onde os juros permanecem no atual patamar de 17%

ao ano (mais correção monetária). Também será dado um aperto nos sonegadores, vai se administrar com rigor os gastos do governo e se negociará um acordo com o FMI.

Quanto ao dia-a-dia, as soluções são provisórias. O projeto de reajuste mensal de salários foi aprovado pela Câmara e está em análise pelo Senado. Primeiro, o ministro se recusou a negociar com os deputados, argumentando que salário reajustado todo mês quebra a Previdência Social.

Derrotado na Câmara, Fernando Henrique deu a volta por cima e já aceita reajuste mensal, desde que não seja recomposta a inflação integral. Na semana passada, o Ministério da Fazenda fez simulações sobre o impacto do aumento mensal de salários sobre a inflação e esse trabalho sustentará a negociação que o ministro fará amanhã com lideranças políticas.